



LIZZIE SADIN **Fotógrafos**

# Lizzie Sadin e a Fotografia em prol dos Direitos Humanos

Texto: Marcos Fernandes

Esteve mais de um ano à espera para fotografar durante uma hora e meia numa prisão russa. Assim começou o projecto que lhe valeu aplausos no maior certame de fotojornalismo do mundo, o Visa pour L'Image. A FotoPlus entrevistou uma fotógrafa francesa que denuncia lados trágicos do Homem, condições sociais extremas. Militante. Humanitária. Humana. Apresentamos Lizzie Sadin.

**D**iz que fotografa para denunciar atentados aos direitos fundamentais, como o infanticídio, a violência física e psicológica de jovens em prisões, ou a violência conjugal. Para testemunhar restrições à Condição Humana não abdica da liberdade profissional, o que a torna uma *freelancer* à mercê de condicionalismos financeiros. Fiel à velha película – já recusou trabalhos para grandes revistas por abominar o digital –, expõe regularmente, ilustra campanhas de Organizações Não Governamentais, e vai conseguindo «passaportes para fotografar» nos quatro cantos do planeta. O último foi o *Visa d'Or Magazine*, um dos prémios do maior festival de fotojornalismo do mundo, o *Visa pour l'Image*, de Perpignan. Por outro lado, incentivou a criação documental feminina ao ser uma das promotoras do *Prix Canon de*

*la Femme Photojournaliste*. É francesa. É uma fotógrafa de causas humanas, em busca de efeitos humanitários.

**FotoPlus- Porque fotografa?**

**Lizzie Sadin-** Antes de me tornar fotógrafa no início dos anos 90, fui assistente social durante mais ou menos 12 anos. Trabalhava com pessoas com dificuldades, jovens e velhos iletrados. Decidi ser fotógrafa porque estava saturada das associações com quem trabalhava. Mas já lidava com fotografia há algum tempo. Via muitas exposições de fotógrafos humanistas, como Dorothea Lange, Sebastião Salgado, e W. Eugene Smith. E tirava, de vez em quando, fotos dos meus filhos e da natureza. Quando decidi trocar de profissão, fiz uma lista de tudo o que queria ter noutra trabalho. Em duas colunas escrevi o que gostava e o que não queria fazer. Gostava de fotografia, do contacto com pessoas, de continuar a ajudar quem precisasse. Gostava de viajar e de não ter patrão. Queria ser livre, livre! Queria ter

algo novo a cada dia e não a rotina. Como tinha preocupações sociais quis continuar a ajudar pessoas através da reportagem fotográfica, a fazer testemunhos, mostrar modos de vida, más condições, e a ingenuidade de alguns. É por isso que incido sempre em assuntos sociais. Comecei por ir à Polónia fazer um trabalho sobre poluição e depois fui a Israel documentar o estilo de vida árabe dentro do território, com os palestinianos. Fiz reportagens sobre violência doméstica, e eliminação de bebés e jovens raparigas na Índia, e sobre menores que estão em prisões em muitos países do mundo.

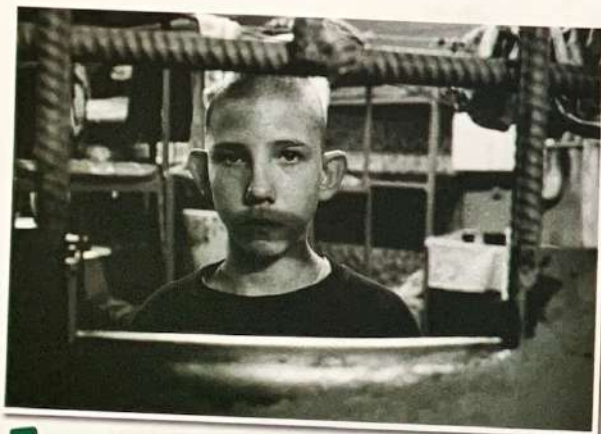
**FP- Esse último trabalho, «Mineurs en peines», valeu-lhe um Visa d'Or no último Visa pour l'Image. Foi fácil entrar no mundo de jovens detidos?**

**LS-** Comecei a reportagem em 1999 na Rússia e estive 14 meses para conseguir autorização para entrar numa cadeia. Foi muito complicado. Não me queriam dar. Apesar disso fui

**A** esquerda: Lizzie Sadin  
Da série *Mineurs en peines*

## Fotógrafo do Mês

LIZZIE SADIN



Lizzie Sadin  
Da série Mineurs en peines

para São Petersburgo, com um bilhete para 11 dias, e foi apenas na véspera de regressar a Paris que tive autorização para fotografar durante uma hora. Incrível! Estive quase um ano e meio à espera em França, mais 11 dias na Rússia, e deram-me uma hora! Tentei negociar. Pedi três! Concederam-me uma hora e meia... Acabei por ir a três prisões, duas para rapazes, uma delas antes e a outra depois do julgamento, e fui a uma cadeia para raparigas. Não quero parecer pretenciosa, mas a situação era tão má que as fotos ficaram muito fortes, muito duras. Mostrei-as à Amnistia Internacional em França para pedir ajuda para o trabalho seguinte no estrangeiro. Eles disseram «Uau, que bom trabalho. Será que as podemos usar numa campanha?». Respondi que as usassem como quisessem desde que me ajudassem, não com dinheiro, mas com informação sobre países que tivessem aquele tipo de prisões. Queria poupar tempo porque sou *freelancer*, e o tempo é dinheiro. Eu não tenho salário no final do mês. Não me conseguiram ajudar em França porque a sede da Amnistia Internacional fica em Londres, mas acabei por lhes ceder as imagens. Fizeram exposições aqui, em França, e em Genebra e Bruxelas. Depois disso, tenho estado

em contacto com outra ONG muito importante, o *Bureau International Catholique de l'Enfance*. Já conheciam o meu trabalho e convidaram-me para trabalhar para eles, juntamente com a fotógrafa que já tinham. Enviaram-me para o Camboja e para o Brasil. Com as fotos fizeram uma campanha, que é a *Horizon - Crianças Privadas de Liberdade*, um livro com texto do nosso muito famoso Robert Badinter (crimi-

nalista opositor da pena de morte e antigo ministro da Justiça de François Mitterrand), e muitos colóquios. Depois, decidi continuar o projecto na França, Colômbia, Israel, Palestina e Gaza, na Índia - tinha estado numa prisão em Deli, antes -, na Suíça, Madagáscar, e nos Estados Unidos da América. Ao fim de três anos consegui, finalmente, ir ao Texas, Arizona, e Califórnia, em Fevereiro de 2007. Estive em 16 prisões. Ao todo, consegui entrar em 40 cadeias em 11 países durante oito anos de trabalho. Tinha contactado 60 países... Estou completamente exausta! Gastei muito dinheiro nas viagens. Depois disso, exibi em Perpignan, onde recebi o *Visa D'Or*. Também consegui o prémio especial do júri no *XII Festival International du Scoop et du Photojournalisme*. Também falei com muitos editores e recebi bastantes respostas positivas para fazer um livro. Estou muito feliz. Acabei de escolher o editor. Ainda não posso dizer quem é! Apenas posso dizer que é francês e que vai ter edição internacional.

**FP- O que nos pode dizer da reportagem sobre a eliminação de jovens na Índia, o «Meurs et envoie-nous ton frère...»?**

**LS-** É sobre nascimentos na Índia e infanticídio. Há 15 milhões de raparigas



Lizzie Sadin  
Da série Meurs et envoie-nous ton frère...

foto  
086

## Fotógrafo do Mês

LIZZIE SADIN

Lizzie Sadin  
Da série Violence conjugale

desaparecidas na Índia. Fiquei surpreendida quando li isso! Soube que os homens tinham falta de mulheres para se casarem, que se chamavam *membros mortos* porque não podiam ter mãe para os filhos. Pesquisei e apercebi-me que em muitos estados indianos, como o Rajastão e Deli, existe uma taxa homem/mulher muito desfavorável. Decidi ir lá investigar durante um ano e meio. Foi um trabalho muito difícil porque tive que fotografar a ausência de algo, em vez da presença. Entrevistei médicos que fazem raios X e retratei mulheres que fizeram abortos ou que mataram o bebé depois de ele ter nascido. Na Índia existem comités de controlo de gravidez que ameaçam denunciar à polícia as mulheres que matam o bebé. O Estado sabe que isso acontece e combate com campanhas. O problema é que a tradição é potenciada pela modernidade. A cultura indiana prefere rapazes e os modernos raios X permitem dizer à grávida qual o sexo do futuro filho. Elas matam os bebés, também, porque os próprios médicos alertam as mães de que se ficarem



com raparigas vão gastar milhares de rupias para o dote e para despesas de casamento, porque apenas as famílias das raparigas pagam essas cerimónias. O médico diz, por exemplo, que faz o aborto por cinco mil e que as grávidas poupam com isso 50000 rupias. E como é ilegal dizer se uma mulher vai ter um rapaz ou uma rapariga, os médicos não o fazem directamente.

Dizem às mulheres para irem «comprar doces», por exemplo, se ela for ter um menino, ou para «pegar num lenço» se ela estiver prestes a ter uma menina. Estive um mês a mostrar pessoas que cometeram infanticídio e os que lutam contra isso.

**FP- Também se referiu ao «Violence conjugale»...**

**LS-** Foi uma trabalho sobre a violência doméstica em França. Trabalhei três anos para a primeira parte desse projecto. Vi vítimas em hospitais e em abrigos, acompanhei a polícia e equipas de emergência. Depois disso, em 2004, trabalhei sobre os homens autores da violência, em França e Bélgica. Fotografei-os em vários níveis, com as autoridades policiais, com terapeutas de alcoolemia, ao nível social e judiciário. Comparei as realidades dos dois países. Foi o primeiro projecto a tornar-me conhecida na profissão. Recebi bons prémios por isso, como o *Grand Prix Care International du Reportage Humanitaire*, em Perpignan, no *Visa pour l'Image* (entregue em 1998). Gostava de continuar esse projecto.

**FP- Não mencionou há pouco, mas também fez uma reportagem sobre casamentos prematuros na Etiópia, a «Mariage précoce». Que realidade é esta?**

Lizzie Sadin  
Da série Violence conjugale

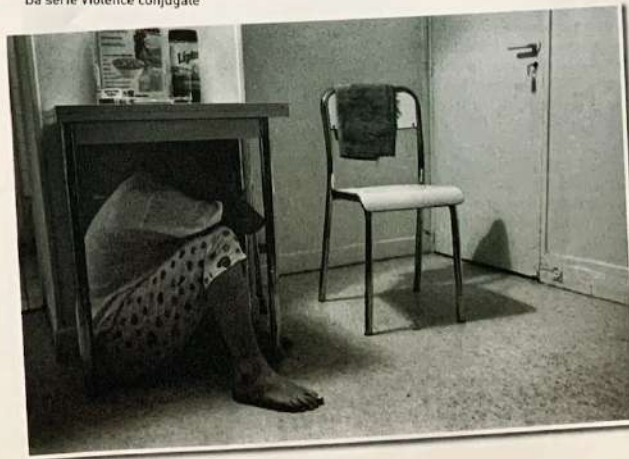


foto  
087

# Fotógrafo do Mês

LIZZIE SADIN



Lizzie Sadin  
Da série Hommes violents

**LS-** Tinha lido que a violação sexual era tradição na Etiópia, onde existe o mito de que fazer amor com uma virgem tira o vírus da Sida do corpo. É incrível! É criminoso! Por isso, muitos homens raptam e violam raparigas cada vez mais novas, para se curarem, acreditam eles. Para evitar isso, as famílias pensam que a protecção de maridos é superior à dos pais e por isso cedem, cada vez mais cedo, as filhas para se casarem, de forma a evitar que sejam raptadas e violadas. Casar cada vez mais cedo não seria um problema, mas ao terem relações sexuais essas raparigas ficam com mazelas no corpo. Ainda não estão preparadas com hormonas e as relações destroem os músculos genitais. Elas ficam com uma doença chamada fistula vaginal. Não conseguem conter a urina e isso repudia os maridos. Perdem o sustento e tornam-se prostitutas, servas, ou trabalhadoras de bares em Adis Abeba. Tinha que mostrar isto ao mundo! Estas jovens vivem silenciosamente num país onde são entregues a homens, são violadas, ficam doentes, com os corpos destruídos, e tornam-

-se prostitutas ou escravas. São vítimas e vítimas e vítimas! Fiz este trabalho em 2002. Uma revista francesa feminina quis publicá-las no último mês de Janeiro, o que mostra que continua a ser um tema actual.

**FP- O seu trabalho parece ser dominado pelos Direitos Humanos e, de uma ou de outra forma, centra-se muito em crianças e jovens. É coincidência ou existe uma razão para isso?**

**LS-** É coincidência. Em «*Mariage précoce*» considere uma injustiça mal li sobre essa situação. É claramente um problema de direitos humanos. Mas também lidei com mulheres e homens. Mas sim, sinto-me sempre atraída pelo tópico de Direitos Humanos, cujos atentados quero denunciar.

**FP- Ao fazer essa denúncia, acredita que a fotografia pode resolver problemas do mundo?**

**LS-** Posso ser demasiado ambiciosa, mas julgo que posso fazer as pessoas pensar. Também posso ajudar na denúncia de situações que nem

todos vivem, como prisões e famílias com violência. Fotografei para fazer testemunho. É como na fotografia de guerra. Não acredito que tirar fotos de um conflito pare a guerra, claro, mas aumenta a consciência das pessoas e dá argumentos para falar sobre esse problema. Depois, é preciso lutar, ser militante da oposição. As fotografias não param os problemas mas são evidências de que eles existem, para que pensemos sobre isso.

**FP- Ainda assim, sabe de alguma fotografia sua que tenha alterado a vida da pessoa que retratou?**

**LS-** Penso que isso aconteceu duas vezes. Na primeira parte do trabalho sobre jovens atrás de barras, na Rússia, a Amnistia Internacional usou as fotografias numa campanha, com o título «Justice for all». Era propaganda sobre a Chechénia e sobre os direitos das mulheres e dos jovens em cadeias. Graças a observadores que estiveram naquela prisão russa depois, sei que as condições do cárcere foram melhoradas. Não estou a dizer que foi por causa das minhas fotos, claro, mas

# Fotógrafo do Mês

LIZZIE SADIN



Lizzie Sadin  
Da série Hommes violents



acredito que foi a pressão da campanha da Amnistia, que usou as minhas imagens. Penso que elas ajudaram um pouco. O outro caso foi sobre a violência doméstica. Muitas, muitas mulheres falam comigo, por exemplo quando vou ao cabeleireiro. Quando digo que fiz aquele trabalho, respondem-me que conhecem as fotos, que as viram na *Paris Match* ou na *Marie Claire*.

Houve casos em que me disseram que têm amigas que estão menos relutantes em admitir que são vítimas porque estão cada vez mais habituadas a ver esse tipo de fotografias na imprensa. Tornou-se mais banal. Deixou de ser um tabu. Penso que contribuí para isso. Talvez tenha ajudado mais mulheres a ir a esquadras de polícia denunciar o que estão a sofrer...

**FP- Dos projectos que fez, qual a impressionou mais?**

**LS-** Foram dois, «*Violence conjugale*» e «*Mineurs en peines*». Neste último, porque estava a trabalhar com crianças que estão encarceradas. Ninguém as defende. Por exemplo, no Camboja não há sistema de protecção juvenil e existe muita corrupção. Eles estão debaixo da pressão e do poder de adultos, e até de juizes que exigem dinheiro para os libertar. São os mais fracos da sociedade e não têm defesa contra a injustiça. Em «*Violence conjugale*» fiquei muito impressionada porque nunca tinha sido feito um trabalho daqueles em França. Acredito que houvesse reportagens sobre esse tema nos Estados Unidos e noutros países, mas não aqui. Demorei três anos a tirar 30 fotos porque a polícia, hospitais, e abrigos não queriam que entrasse por serem locais que simbolizam a família, o alicerce da sociedade. Se denunciarmos que existe violência em quatro ou cinco desses casos pode-se destruir a sociedade! É como tirar uma das partes de um castelo de cartas. Tudo pode ruir. Vi muitas mulheres a chorar enquanto explicavam como viviam. Fiquei tão impressionada que o meu próximo projecto vai ser a continuação dessa reportagem, 10 anos depois. Quero ver se a forma como a polícia lida com essas mulheres se alterou e como os juizes tratam os agressores. Quero fazer uma investigação e fotografar, ao mesmo tempo que planeio fazer um livro com a reportagem que já está feita. Gostava de continuar este projecto em 2008... Mas não sei se tenho paciência para enfrentar todas as mesmas dificuldades em conseguir autorização para trabalhar naqueles locais. Estou muito cansada... Mas gostava de continuar...

**FP- Fotografando em situações que despertam muito sentimento, calculo, existe alguma imagem que a tivesse marcado?**

**LS-** ... É difícil responder... Existe uma, talvez, que tirei na Rússia, de Dimitri. Ele estava na cela 19, um espaço onde jovens estão junto a adultos durante dois meses, mal entram na prisão. Alguns são colocados lá apenas para aprender «as regras». É fácil imaginar

# Fotógrafo do Mês

LIZZIE SADIN

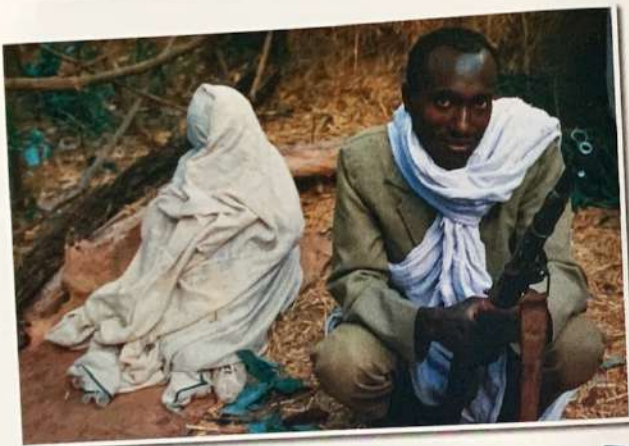
que existem abusos, violações, e que eles sofrem bastante. A forma como Dimitri me olhou foi perturbante. Queria dizer-lhe que o queria ajudar, tirá-lo dali. Chorei enquanto estive com ele. Ainda agora, ao falar nisto, sinto a emoção crescer em mim. Mas na altura, a única coisa que podia fazer era tirar a fotografia, julgando que a minha forma dele sair da prisão era eu levar o olhar dele para França, para exposições e para revistas. Muitas vezes penso nele porque está encarcerado numa jaula com monstros. Eu não podia fazer nada porque tinha apenas três segundos para tirar as fotografias. Fiz três, despedi-me com a mão e com um sorriso, e nunca mais o vi. Mas ele ficou no meu coração e na minha mente.

**FP- Qual foi a fotografia que lhe deu mais prazer tirar?**

**LS-** (longa pausa) É difícil responder (longa pausa). O prazer surge sempre que um trabalho está feito, quando tenho imagens suficientes e coerentes. Mas lembrar-me apenas de uma imagem é difícil... Quero dizer... Talvez uma de «*Envoie-nous ton frère*», na Índia, quando fotografei uma rapariga muito nova, e bonita, que foi salva do infanticídio graças a uma Organização Não Governamental. Ela era tão gira e pensei «uau, graças ao trabalho de voluntários ela está viva». Tirei-lhe uma foto a cores. Gosto muito dela.

**FP- Para lá dos seus trabalhos, como é a Lizzie Sadin fotógrafa? Preocupa-se simplesmente em comunicar ou também com o lado estético da imagem?**

**LS-** Não tenho preocupações à partida, apenas quando estou em frente da situação que quero fotografar. Nessa altura tenho muito cuidado em conseguir o melhor para contar algo que outros não viram como eu. Quero restituir o que observo para os outros sentirem o mesmo que senti em determinada situação. Para lá disso, faço por não cometer erros técnicos. Tento focar e medir bem a luz. Mas isto fica em segundo plano! Eu estou sempre a tentar fazer instantes decisivos, como dizia Henri Cartier-Bresson. Por exem-



Lizzie Sadin  
Da série Mariage précoce

pio, quando a polícia entra numa casa onde um homem magoou a mulher eu tenho que estar pronta para apanhar o exacto momento que explique o que aconteceu. Não tenho muito tempo para lidar com as pessoas. Tenho que ser um pequeno pássaro para não interferir com o trabalho da polícia. Fico muito concentrada. Por vezes, a situação não dura mais do que dois minutos. Há casos em que não consigo nada. Quando fotografo, fico feliz. É sempre um desafio.

**FP- Quer dizer que não tira muitas fotos?**

**LS-** Não. Estive há pouco a organizar as fotografias sobre a violência doméstica. Demorei três anos para fazer esse trabalho e tenho apenas 30 folhas de contacto. Não tiro fotos e fotos e fotos. Apenas disparo quando existe uma situação... Cheguei a fazer um trabalho sobre emigração ilegal de Albaneses em Itália. Tenho, talvez, seis folhas de contacto. Para «*Mineurs en peines*» usei 41 rolos nos Estados Unidos, em 17 prisões, e seis rolos em três prisões indianas.

**FP- Ao contrário de muitos fotógrafos, a Lizzie não é fiel só à cor ou só ao preto-e-branco. Que critérios tem para escolher o tipo de fotografia?**

**LS-** Por exemplo, na Etiópia sabia que havia muitos tons nas roupas e na natureza. Era um país colorido. Na Índia o mesmo. Tinha visto muitos trabalhos na televisão com muitas cores. Já para «*Violence conjugale*» estava certa de que ia fotografar, principalmente, à noite. Como não queria flash para não enervar mais as pessoas usei películas muito sensíveis, a preto-e-branco. É mais fácil fotografar dessa forma do que a cores, quando existe menos luz. Mas o mais importante é captar o sentido da situação e não os tons de uma casa, hospital, ou prisão. Para «*Mineurs en peines*», quando vi pela primeira vez, na televisão, que havia crianças numa cadeia na Rússia, tive a ideia de fazer a reportagem a preto-e-branco. Aliás, foi com cinzentos porque não havia pretos nem brancos. As faces eram cinzentas. As paredes das celas eram cinzentas. Os uniformes eram cinzentos. À excepção dos olhos, que podiam ser azuis, o resto

foto  
090

# Fotógrafo do Mês

LIZZIE SADIN

era cinzento. Como não havia cor tinha que usar películas a preto-e-branco. Ainda para mais, também ali se tornava mais fácil fotografar dessa forma porque não existia luz natural. Assim foi em Madagáscar, Israel, nos EUA, e na Rússia.

**FP- Usou sempre máquina analógica?**

**LS-** Sempre. Comprei uma digital há quase um ano mas não a sei usar! A sério! Confesso que cheguei a ter uma encomenda de uma revista muito, muito famosa e recusei-o, imagine-se, porque não me senti confiante em usar uma máquina digital! Não estava preparada! E não, não posso dizer qual era a revista! Sinto-me envergonhada! Há poucos dias propuseram-me uma reportagem em Israel e não sei se a hei-de fazer porque tem que ser em digital.

**FP- Mas a forma de fotografar não pode ser a mesma?**

**LS-** Não sei! As únicas fotos digitais que tentei tirar foi no verão com a família. Ficaram mal, talvez porque não saiba usar a minha máquina. Quando está sol fica tudo estoiado. Quando há pouca luz a máquina torna a imagem clara de forma artificial. Não gosto! No

próximo trabalho vou usar o meu habitual (Kodak Tri-x e, talvez, a Leica.

**FP- Que máquinas e objectivas usa?**

**LS-** Costumo usar Nikon F90X. Tenho duas. Uso-as com lentes 20 mm, 24 mm, 35 mm, e com uma zoom 35-70 mm. E tenho sempre comigo a Leica M6 com uma 35 mm. Tenho apenas uma lente porque são muito caras. Uso Kodak Tri-x 400 e, às vezes, Tmox bem puxado. Foi o que aconteceu na Rússia. É por isso que essas fotos têm muito grão.

**FP- É a Lizzie Sadin que revela os filmes?**

**LS-** Não o sei fazer. Tenho um laboratório mas fico com medo de revelar películas. Sou uma fotógrafa e não uma técnica de laboratório. Sou capaz de tentar revelar as fotos em papel mas nunca os rolos!

**FP- E que filme a cores usa?**

**LS-** Apenas slides Kodachrome 200asa.

**FP- A Lizzie Sadin é freelancer. É fácil sê-lo numa era de fortes critérios editoriais de imprensa?**

**LS-** Não é nada fácil! Mas é a única

forma de eu ser livre. Tenho a certeza de que não teria conseguido estar três anos a fazer «*Violence conjugale*», cito em «*Mineurs en peines*», e dois em «*Envoie-nous ton frère*», porque nenhuma revista autorizaria tanto tempo para trabalhar. Mas acaba por não ser fácil porque durante meses é difícil ganhar dinheiro. Por vezes, consegui trabalhar porque venci prémios com valores monetários. Foi o caso de «*Mariages précoces*» e de «*Violence conjugale*». Esta reportagem ainda foi possível graças a apoios do Ministério dos Assuntos Sociais. Também costumava montar exposições e com o dinheiro que daí vem pago rolos e bilhetes de comboio. Depois há revistas, como a *Marie Claire* ou a *Nouvel Observateur*, que pedem duas ou três fotos para um artigo. Tudo ajuda! No início tive apoio do meu marido e bilhetes de comboio do meu trabalho anterior. Mas é difícil ser freelancer... Tem sido possível mas é muito, muito difícil. Às vezes proponho antecipadamente trabalhos e recusam-me garantias. Aconteceu, por exemplo, para a Etiópia e também para a Índia, com «*Envoie-nous ton frère*». Disseram-me que não ia ter sucesso, que jornalistas já tinham tentado em vão. Depois, quando regresssei com imagens, gostaram e eu respondi que, naquela altura, iam ter que pagar muito! (risos)

**FP- Alguma vez tentou entrar para uma agência internacional, o que já permite mais liberdade de acção?**

**LS-** Não porque... Depois do meu *Visa d'Or* perguntei a muitos como funcionavam as agências e notei que os fotógrafos são obrigados a produzir determinadas reportagens ao longo do ano e eu não queria isso. Deixo, antes, as minhas imagens em pequenas agências, para ilustração e para arquivo.

**FP- A Lizzie Sadin vive em França, o berço oficial da Fotografia e um país com forte tradição de reportagem, mas que recente-**

Lizzie Sadin  
Da série Mères adolescentes



foto  
091

# Fotógrafo do Mês

LIZZIE SADIN

**mente se viu confrontado com restrições ao direito de fotografar em espaços públicos. Como vê essa situação?**

**LS-** Estou preocupada. Quero dizer, por um lado não porque não chego a enfrentar esse problema com o meu tipo de trabalho, mas penso que é um atentado à liberdade. Isso incomoda-me. Às vezes há pessoas que abusam, que pedem demasiado dinheiro porque um fotógrafo lhes tirou uma foto, ou a uma árvore do seu jardim, ou à porta da sua casa. Eu cheguei a ir a julgamento por ter tirado uma fotografia de um polícia sem autorização dele. Fui confrontada com um pagamento mas o juiz ilibou-me. É uma questão de dinheiro. As pessoas querem lucrar com isso. Mas penso que essas situações tendem a tornar-se cada vez menos frequentes.

**FP- O que pensa da fotografia e manipulação digitais?**

**LS-** Bem pode imaginar o que vou responder! (risos) Não considero isso fotografia. É como a pintura, destrói a realidade, a verdade. Não há problema se uma pessoa se assumir como artista, se quiser criar uma imagem. Agora, sou contra se o desejo de manipular for por más razões. Sou muito puritana. Deixo sempre a margem preta nas fotos para mostrar que se trata do fotograma original, que a fotografia não foi reenquadrada. Nunca alterei o enquadramento. Nunca, nunca, nunca. Se a foto não for boa por haver um mau detalhe num dos cantos eu não a tiro!

**FP- Parece ter todos os sinais de uma fotógrafa tradicional. Mas estamos no século XXI, no qual se usam câmaras de vídeo digitais para extrair uma imagem e existem telemóveis com lente e flash... Considera que a fotojornalismo está em mudança ou corre o risco de morrer?**

**LS-** Não creio que morra. Não porque penso que os bons fotojornalistas vão continuar a fazer bons trabalhos. Não é bom jornalismo filmar e depois extrair uma fotografia. É certo que se consegue uma boa imagem, mas não

um bom trabalho. Não se alcança um instante decisivo, captado naturalmente. Penso que esse jornalismo é falso. Quando alguém é bom fotojornalista, faz sempre bom trabalho. E nem todos podem ser bons fotógrafos.

**FP- Já falou de fotógrafos que foram referências no seu início de carreira. Continuam a ser os seus fotógrafos preferidos ou tem outros?**

**LS-** No início fiquei muito impressionada por fotógrafos humanistas como W. Eugene Smith, Dorothea Lange, e também, muito, por Sebastião Salgado, mas agora amo o trabalho de Paolo Pellegrin, por exemplo, e também de (James) Nachtwey, e de outros que tiram fotos em situações que envolvem direitos humanos e atentados a estes.

**FP- Também entrevistámos Sebastião Salgado, aqui na FotoPlus ...**

**LS-** Sabe que pensei pela primeira vez em ser fotógrafa ao ver uma exposição de Salgado há 16 anos? Disse a mim própria «quando for grande quero fazer fotos como estas». Na altura era impossível imaginar que mudasse de trabalho. Até ao dia em que assumi que não conseguia continuar como assistente social.

**FP- Qual foi a última exposição que viu?**

**LS-** Foi a de Steichen, no

*Jeu de Paume.* Foi interessante. Não conhecia muito do trabalho dele e descobri um homem que fez muitos tipos de fotografia. Tem retratos, reportagens, fotos de flores. É como um puzzle! Por um lado gostei da exposição e por outro não, porque parece que Steichen quis experimentar demasiadas coisas. No final perguntamo-nos que tipo de fotógrafo é ele, afinal?! Também fez moda, naturezas mortas... Prefiro alguém que segue apenas uma linha de trabalho. Mais gostei de parte da carreira. Adorei o início e o fim, a *Family of Man*, a grande exposição que ele comissariou. ■

Lizzie Sadin  
Da série Mères adolescentes

